

# PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES

Rev. Pemo – Revista do PEMO




## História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual

**Antônio Roberto Xavier<sup>i</sup>** 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Fortaleza, CE, Brasil

**Karla Renata de Aguiar Muniz<sup>ii</sup>** 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

**José Rogério Santana<sup>iii</sup>** 

Universidade Federal do Ceará, Instituto UFC Virtual, Fortaleza, CE, Brasil

**Daniel Luis Madeira Carneiro<sup>iv</sup>** 

Centro Universitário Inta - UNINTA, Sobral, CE, Brasil

1

### Resumo

Compreender a importância da história oral e seu emprego nos distintos gêneros de pesquisas acadêmico-científicas, foi o fio condutor para o questionamento sobre o que é, para que serve, quando e como utilizar a história oral no processo investigativo das pesquisas? Diante desta inquietação, visou-se proporcionar às devidas respostas e compreender mais além sobre a história oral, suas diversas abordagens, bem como suas múltiplas serventias no âmbito das pesquisas, sobretudo na seara das ciências humanas e sociais. Usa-se o método de pesquisa exploratório-descritiva com abordagem qualitativa. Utilizou-se o método bibliográfico. Para as análises empregou-se o discurso dialético crítico contextual. Os resultados, a priori, demonstram que a história oral, suas múltiplas serventias, a depender do gênero da pesquisa, funciona como seiva vital, inspiradora e potente para identificação, voz e vez de sujeitos sociais que foram banidos, ofuscados, destituídos ou destruídos do processo histórico pelas diretrizes dominantes.

**Palavras-chave:** História oral. Oralidade. Fonte oral.

### Oral history: theoretical-methodological, conceptual and contextual approach

### Abstract

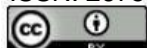
Understanding the importance of oral history and its use in the different genres of academic-scientific research was the guiding thread for questioning what it is, what it is for, when and how to use oral history in the investigative process of research? In view of this restlessness, it was aimed at providing the appropriate answers and understanding more more about oral history, its various approaches, as well as its multiple services in the field of research, especially in the field of human and social sciences. The exploratory-descriptive research method with a qualitative approach is used. Bibliographic method used. The contextual critical dialectical discourse

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020

DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3802>

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>

ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.



used as analysis. The results, a priori, demonstrate oral history, its multiple serventias, depending on the gender of the research, functions as vital, inspiring and powerful sap for identification, voice and instead of social subjects who have been banned, obfuscated, deprived or destroyed from the historical process by the dominant guidelines.

**Keywords:** Oral history. Orality. Oral source.

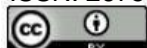
## 1 Introdução

O presente artigo traz à tona o debate sobre história oral e suas múltiplas e distintas abordagens. Este artigo tem como escopo principal compreender sobre os principais aspectos teóricos, metodológicos, conceituais e contextuais da história oral. Neste sentido, elencamos como fio condutor o seguinte desafio: o que é, para que serve, quando e como utilizar a história oral? Este múltiplo questionamento exige que no percurso da confecção conteudal deste artigo possamos deixar argumentos e pressupostos clarividentes capazes de atender acadêmico-cientificamente a demanda questionada.

No decorrer da produção do conhecimento histórico o pesquisador se utiliza de inúmeros recursos investigativos para poder explicitar seu objeto pesquisado. Diversos e inúmeros caminhos são trilhados para que as fontes sejam alcançadas e analisadas minuciosamente para ao final servir à pesquisa pretendida, principalmente quando faltam fontes escritas a determinados assuntos que envolvem sujeitos sociais relacionados à chamada história vista de baixo ou das mentalidades.

Com a ampliação do reconhecimento e valorização do ser humano, sobretudo a partir de meados do século XVIII, somado às mudanças revolucionárias no campo historiográfico, sobretudo a partir da terceira geração dos Annales, houve um redimensionamento de validação das fontes, tendo a história oral sido credibilizada e, não somente as fontes escritas primadas pela história tradicional positivista dos grandes vultos e eventos do século XIX.

Deste modo, a utilização da história oral tem sido, a partir da década de 1970, em geral, e de 1990, no Brasil, especificamente, um desses caminhos, ora alternativo, ora indispensável às produções científicas, principalmente no campo das ciências humanas,





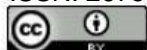
sociais e sociais aplicadas. Como também uma forma de viabilizar a história dos desvalidos e excluídos. Segundo Ananias e Santos (2019, p. 68) [...] “os conflitos entre grupos que se diziam detentores de conhecimento e saberes e outros chamados órfãos de cultura que tinham seus modos menosprezados e ridicularizados; Mas, há de se frisar que nem sempre o recurso da oralidade foi usado e reconhecido como ferramenta indispensável para as pesquisas ditas de cunho científico tendo sido recebida com euforia e desconfiança por alguns campos científicos e representantes de colegiados.

Neste sentido, o uso da oralidade, como recurso para a construção de pesquisas científicas, sobretudo no âmbito da história, nem sempre foi e/ou tem sido assim, a começar pela própria pluralidade denominadora. Neste sentido, é racional deixar posto que a história oral é, por vezes, uma modalidade metodológica, técnica ou método investigativo de pesquisa, a depender do tipo (gênero) de pesquisa que emprega a oralidade, cuja nomenclatura conceitual ainda está em disputa epistemológica. Diante desses pressupostos ou hipóteses justificadoras daremos seguimento a esta escrita visando atender, ao final, ao que fora proposto inicialmente: a compreensão sobre história oral, seus diferentes e diversificados conceitos, teorias e epistemologias contextuais.

Metodologicamente este artigo é de cunho teórico com base em fontes secundárias de livros e artigos que tratam sobre história oral. Quanto a abordagem tomamos no estudo a qualitativa. Quanto ao tipo, trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva de conteúdos peculiares e delimitados, tematicamente. No que se refere ao método técnico ou procedimental utilizamos o bibliográfico. Quanto às técnicas para coleta de informações empregamos leituras sistemáticas e específicas. Com relação às técnicas de análise, empregamos a análise do discurso dialético crítico e contextual.

## 2 Resultados e Discussão

Não raro, a história oral também é chamada de fonte oral, história do tempo presente ou somente oralidade. O fato é que, independentemente do conceito ou epistemologia atribuídos, a história oral comporta pelo menos três gêneros distintos: história de vida, história temática e de tradições orais (MEIHY, 2000). Ressalte-se que





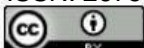
cada um desses gêneros possui suas distintas abordagens teórico-metodológicas, a saber: i) a tradição oral ocupa-se em transmitir de uma geração a outra o legado cultural ancestral material e imaterial através dos testemunhos orais presenciados, ouvidos e/ou lembrados; ii) a história de vida é relato pessoal contado de si, oralmente; e, iii) história oral temática que é feita com um grupo de indivíduos, evento, movimento ou sobre uma temática delimitada e circunscrita em um determinado contexto.

A depender do gênero a ser pesquisado, a história oral deve ser classificada com diferentes denominações metodológicas. Se a pesquisa trata-se do gênero história de vida, a história oral é classificada como método (investigativo) de pesquisa, pois sua fundamentação principal são os depoimentos narrativos com prévio e flexível roteiro podendo ser alterado com interação entre o depoente e entrevistador.

Neste caso, o depoimento respeita e considera a sequência memorialística do depoente considerando seus silêncios, ditos e não ditos. Deste modo, o entrevistador é um ouvinte que jamais deve interromper o depoente. Tal classificação metodológica também poderá ser atribuída à tradição oral, porém com uma importante distinção: ao invés de entrevistador, o que existe é um observador do fenômeno. Como a memória que pode ser traduzida através dos depoimentos, como afirma Caxile (2019, p. 9), “a memória é a vida, formada por grupos vivos, sendo assim, ela está sempre evoluindo, fazendo - se na lembrança e no esquecimento”.

No caso da história oral temática, a história oral é classificada como recurso metodológico por meio de técnicas de entrevistas que obedece a uma agenda peculiar com objetivos previamente estabelecidos que circundem o objeto investigado. Porém, mesmo havendo um prévio roteiro não é aconselhável interrupções à fala do entrevistado no ato podendo e devendo ser adequado por ocasião das transcrições visando atender às requisições do objeto de pesquisa.

Com efeito, em todos os casos, a utilização da história oral seja como método, técnica ou recurso metodológico, o sujeito pesquisador necessita de algumas qualidades imprescindíveis, tais como: conhecimento, sensibilidade, tranquilidade e empatia. Deste modo, se torna imprescindível a compreensão mais acurada sobre história oral.



A denominação "história oral" é ambígua, pois adjetiva a história, e não as fontes - estas, sim, orais. A designação foi criada numa época em que as incipientes pesquisas históricas com fontes orais eram alvo de críticas ácidas do mundo acadêmico, que se recusava a considerá-las objetos dignos de atenção e, principalmente, a conceder-lhes status institucional. No embate que se seguiu, pela demarcação e aceitação do novo campo de estudos, o adjetivo "oral", colado ao substantivo "história", foi sendo divulgado e reforçado pelos próprios praticantes da nova metodologia, desejosos de realçar-lhe a singularidade, diferenciando-a das outras metodologias em uso, ao mesmo tempo em que lhe afirmavam o caráter histórico. Hoje, a designação "história oral" tomou-se de tal forma difundida e aceita - o "atestado visível da identidade de seu portador", a que se refere Bourdieu, a propósito de nomes, neste volume - que nos pareceu secundário reabrir a disputa em tomo dela; outras questões, mais substanciais para o momento, permanecem ainda mergulhadas em confusão. (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 12).

A história oral é concebida por meio de narrativas de sujeitos sociais sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que de uma forma ou de outra deles tomaram conhecimento. Trata-se de testemunhos de seres vivos que ao serem interpelados discorrem narrativamente o que sabem sobre certos acontecimentos, pessoas, locais, instituições, governanças e sobre tantos outros assuntos. Como afirma Fialho, et al (2020, p. 5) “[...] esta metodologia que trabalha fundamentalmente com depoimentos, testemunhos ou entrevistas orais, permite o historiador elaborar análises individuais e coletivas e desenvolver compreensões específicas, com maior riqueza de detalhes”. Ainda Dalabrida, Unglaub e Costa (2020) considera que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva.

Esses testemunhos são exclusivos, únicos e servem como medula para o trabalho de investigação sobre o qual o pesquisador se dedica e busca com intensidade descobrir e/ou se aproximar de verdades. De outro modo,

o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória; isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história;

- o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos [...]. São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de



versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos;

· na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito e objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação [...]; (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 14-15).

6

Sob o crivo de uma hermenêutica acurada as narrativas orais além de funcionarem como a seiva peculiar da história oral e ao trabalho investigativo do pesquisador, elas convidam a um infindável relacionamento com outras aporias discursivas formando concatenadamente um discurso harmonioso, diversificado, eclético e abrangente com trama e enredo envolventes. A história oral é deste modo, a extração das informações contidas na Memória que servem de orientação e transmissão do legado cultural de geração em geração. Assim, é racional afirmarmos que a história oral entra no cenário desde que o homem surge na terra.

Neste sentido, a história oral, metodologicamente, com base na colheita de entrevistas, além de ordenar os trabalhos, serve de intermediação entre a teoria e a prática apontando variados e, por vezes, novos caminhos e descobertas nos trabalhos de pesquisas em busca do objeto perquirido. A história oral também pode ser trabalhada como

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

É algo significativo e pode ser gratificante ter o privilégio de usar o recurso de entrevistas com pessoas participantes que testemunharam algo ou dele tiveram conhecimento de alguma forma em certo espaço-temporal. Para tanto, faz-se necessário toda uma organização para a gravação de entrevistas com roteiro e preestabelecido sobre o que se quer realmente saber. Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com sedes no Rio de Janeiro e São Paulo,





O trabalho com a metodologia de história oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exige, antes a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Quando a pesquisa é feita por uma instituição que visa a constituir um acervo de depoimentos aberto ao público, é necessário cuidar da duplicação das gravações, da conservação e do tratamento do material gravado. É o que faz o Programa Oral do CPDOC.<sup>1</sup>

7

No âmbito da terceira perspectiva da história oral como disciplina esta leva em consideração a produção historiográfica que possui no bojo das fontes orais a subjetividade do ser social e sua interação com o meio vivido, socialmente. Nesta perspectiva, a produção do conhecimento a partir da oralidade se entrelaça com outros gêneros de estudo dos humanos, tais como: a Antropologia, a Etnologia, a Etnografia, a Arqueologia e outras vertentes do gênero. Consoante o pensamento de Ferreira & Amado (1998, p. 08),

Os que postulam para a história oral status de disciplina baseiam-se em argumentos complexos, por vezes contraditórios entre si. Todos, entretanto, parecem partir de uma ideia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento [...].

Como disciplina, a história oral dispõe de técnicas de investigação, métodos de pesquisa, definição de conceitos e um objeto de estudo delimitado com tempo e espaço previamente vislumbrado. Como nos informa o professor Gisafran Jucá (2003, p. 30-31), a caminhada através da história oral por meio de diferentes sujeitos nos proporciona uma visão mais abrangente e elucidativa sobre os conceitos de representação social, memória, narrativa e cultura “[...], que nos permitem mergulhar a fundo no real teor da temática escolhida, pois contribuem para fundamentar e melhor explicar o conteúdo apresentado, envolvendo diferentes agentes [...]”.

Acrescente-se as três perspectivas supracitadas outra perspectiva possível, a saber: os (as) que postulam ou defendem a história oral como uma área de conhecimento

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://cpdoc.fgvbr/acervo/historia oral](http://cpdoc.fgvbr/acervo/historia%20oral)> Acesso: 05/jul./2013.





autônoma capaz de produzir conhecimentos, independentes de amarras epistemológicas, em diferentes campos (MEIHY, 2000; 2007).

Entretanto, é racional mencionar que o reconhecimento da contribuição da história oral como uma alternativa de entender e melhor explicar a realidade da aventura humana não se consolidou repentinamente. A retomada das fontes orais na construção das pesquisas científicas, especificamente em História, em meados do século XX, não se deu de forma repentina e/ou consensualmente. Há de se registrar que mesmo com o advento dos *Annales* (1929) e da *École Pratique des Hautes Études* (1948), propondo-se a trabalhar com a história dos homens comuns, inicialmente viam com certa desconfiança os testemunhos orais extraídos das fontes memoriais atribuindo maior credibilidade, na construção histórica, as fontes escritas (BURKE, 1997).

Esta herança esteve por muito tempo arraigada e disseminada na antiga ideia de que a História válida é somente aquela baseada nas fontes escritas. O que seria afirmar só existir História a partir do conhecimento da escrita (cerca de 3500 a 4000 a. C.). “Sem querer menosprezar as demais fontes, é deixando-se envolver pela força da oralidade que nos conscientizamos acerca de algo revelador: sem o falar, a escrita seria impedida de se revelar [...]” (JUCÁ, 2003, p. 84).

Sem o reconhecimento da oralidade como fonte, toda produção humana anterior aos códigos escritos é desprovida de História e, portanto, não tem valor histórico, independentemente de suas fontes constituidoras. Seria descartar a utilização da Memória como um palácio onde a história encontra fontes inesgotáveis de conhecimento, através do recurso metodológico da história oral.

Ao propor abordar a história da história oral no período referendado, Martinho Rodrigues (2003, p. 13-14) faz alusão a quatro distintos períodos ou a quatro gerações com características peculiares a cada uma delas em relação a história oral. A primeira geração “[...] queria compilar material para historiadores futuros, fontes para os biógrafos vindouros [...]”. A segunda geração não aceitava as fontes orais como fontes apenas complementares da história. “[...] A proposta agora era fazer uma outra história, marcada pela afinidade com a Antropologia [...]”. A terceira geração tem como característica





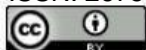


peculiar “[...] um certo tom de manifesto em sua produção [...], já que esta pretendia ser mais do que uma simples coleta de material para estudos posteriores [...]”. Por último, a quarta geração que “[...] é fortemente influenciada pelo pós-modernismo, ensejando um nítido reforço da subjetividade. Assim a história oral associa-se intimamente à subjetividade, ou até identifica-se a ela [...].”

A primeira geração da história oral, na ausência de fundamentação teórico-metodológica, situa-se no realce dos líderes notáveis no âmbito da política, especificamente os líderes resistentes da Segunda Guerra Mundial e da Revolução Mexicana. A segunda geração prima por uma outra história diferente da história vigente constituir-se-á em uma “[...] história militante e à margem do mundo universitário [...]” em defesa das minorias, dos vencidos, dos marginalizados, dos iletrados, etc. A terceira geração implementa uma empreitada rumo a uma História Oral como disciplina teórica “[...] já que esta pretendia ser mais do que uma simples coleta de material para estudos posteriores [...]” sendo auxiliada pelos estudos antropológicos e etnográficos. A quarta geração tem uma ampliação significativa voltada para as pesquisas com as fontes orais visando a perscrutar com aprofundamento a relação subjetiva, sobretudo dos narradores entre “[...] à história vivida e a tentativa de pensar, explicar, compreender e conferir foros de ciência ao estudo da história vivida [...].” (RODRIGUES, 2003, p. 13-14).

Durante muito tempo, as fontes orais sofreram a discriminação como fontes suspeitas e desacreditadas, como fontes sem legitimidade plena para as pesquisas científicas. Apesar de alguns feixes reflexivos para o despontar da história oral como linguagem da história ter ocorrido da virada do século XIX para o século XX o uso das fontes orais de maneira acadêmica é recente, pois

Até alguns anos atrás, o uso da narrativa era a marca definidora do tipo de história reconhecido pelos profissionais das ciências sociais como positivista, e os objetos de estudo se limitavam a ação dos “grandes vultos” da história. Nessa perspectiva, tal narrativa era fruto do enaltecimento de uma elite reconhecida como responsável pela condução do processo histórico e as fontes consultadas restringiam-se aos documentos oficiais e nem os jornais eram considerados fontes dignas de confiança, por retratarem o perfil e apresentarem as ideias definidoras de um determinado grupo político ou religioso. Hoje, os jornais constituem uma valiosa fonte de compreensão dos temas estudados, considerando a posição ideológica





dos seus dirigentes e as diversas colunas ou subdivisões, em que são apresentadas suas reportagens, destacando-se o editorial e alguns artigos divulgados. (JUCÁ, 2013, p. 123).

O avanço da utilização das fontes orais em pesquisas acadêmicas deu-se com a elasticidade dos objetos a serem historiografadas iniciada com a Escola dos *Annales* na França, em 1929 (BURKE, 1997) e o surgimento da cognominada nova história, suas novas temáticas e suas novas abordagens com uma visão mais amadurecida do pós-guerra (1945), aliada ao desenvolvimento tecnológico com o surgimento do gravador. Porém, como observa Jucá (2013, p. 124),

Mesmo com a renovação teórico-metodológica dos *Annales*, a princípio a narrativa não foi valorizada, quando a longa duração [...] atraía a atenção dos pesquisadores. Além disso, mais pesava como embargo ao reconhecimento da narrativa a sua associação constante, que lhe era atribuída, como definidora da persistência do legado interpretativo da história positivista.

Deste modo, a concepção desprestigiadora das fontes orais somente começa a mudar logo após o término da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos da América (EUA) com a criação de um projeto inovador e ousado voltado para a análise das fontes orais na Universidade de Columbia, em Nova York.

A partir de então, a história oral começa a ganhar um novo *status* iniciando seu reconhecimento como fonte merecedora de credibilidade e como um recurso metodológico de importância ímpar na construção da história local, do cotidiano, das mentalidades, enfim da micro-história, sobremaneira.

O que antes era menosprezado como temática de um estudo histórico tornou-se reconhecido como um objeto revelador dos contrastes históricos e da ampliação dos temas e agentes neles envolvidos, permitindo ao pesquisador ampliar seus horizontes e melhor embasar suas proposições com as práticas interdisciplinares indicadas [...]. Diante das mudanças registradas, a “História Oral” se apresenta como uma opção metodológica, diferenciada de uma área específica das Ciências Sociais, considerada autônoma, uma vez que os conceitos definidos como fundamentos de sua adoção são marcados pela inter-relação de diferentes campos de pesquisa nas ciências humanas. (JUCÁ, 2013, p. 122).

Essa postura em relação ao reconhecimento da História Oral se dá em virtude da exploração do estudo da Memória como constituidora de uma relação indissociável do





passado com o presente e aquilo que o professor Rodrigues (2003) denominou de “antropologização” da história. Com isso,

A “historicização” de outros estudos, *mutatis mutandis*, enseja a fertilização da pesquisa humanística, com as achegas que poderão advir de tal conúbio. A história oral tem sido a via pela qual se tem dado a aproximação referida. O caminho não é propriamente novo, nem chega a ser familiar a todos os círculos acadêmicos que ultimamente o percorre, razão pela qual impõe o exame, ainda que aligeirado, dos desafios que nos esperam ao longo da promissora senda que é a História e, em particular, a história oral [...]. A reintrodução de fontes orais, ao arripio da forte tradição documentalista, escrita, não se fez sem resistência. Os meios que a tecnologia colocou à disposição do pesquisador constituem outro aspecto de relativa importância para a história da história oral. (RODRIGUES, 2003, p. 11 e 13).

Mesmo sendo apontada como introduzida no Brasil na década de 1970, a utilização da história oral como metodologia de produção de pesquisas científicas somente tem expressão a partir da década de 1990, período em que tem início os grandes encontros regionais e nacionais vinculados a outras entidades internacionais com publicações de cunho científico regulares.

Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa. A multiplicação de seminários e a incorporação pelos programas de pós-graduação em história de cursos voltados para a discussão da história oral são indicativos importantes da vitalidade e dinamismo da área. Por outro lado, o estabelecimento e o aprofundamento de contatos com pesquisadores estrangeiros e com programas de reconhecido mérito internacional, propiciados pelos encontros e seminários, criaram canais importantes para o debate e a troca de experiências. (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 09).

A metodologia do emprego da história oral toma as entrevistas como fontes visando compreender os acontecimentos passados, os quais são interpretados ao lado de outras fontes. As entrevistas são direcionadas e estimuladas aos participantes através de interrogações sobre o objeto investigado dentro de certo contexto. Às narrativas dos entrevistados/as são juntados documentos biográficos, autobiográficos e memórias diversas<sup>2</sup> na tentativa de compreensão concreta do vivido, experimentado. Com efeito,

<sup>2</sup> Para saber mais memória e oralidades na interface com práticas educativas, ler: Para saber mais sobre práticas educativas consultar: NERYS, et al., 2019; ARAÚJO; SOARES, 2019; SILVA et al., 2019; COSTA;





não é mais condizente o pesquisador descredibilizar, desprezar ou fazer mal uso da história oral, sobretudo em pesquisas cujas fontes escritas são escassas. Conforme Thompson (1992, p. 25),

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...]; pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

A história oral o vislumbre da memória que traz à tona o passado que pode ser interpretado na história fazendo uma reflexão quanto ao passado que reflete no presente, como ditos e não ditos. Como afirma Fialho (2020, p. 6):

A História oral, ao trabalhar com lembranças e esquecimentos, subjetividades, abordando um universo de significados, significações, ressignificações, representações psíquica e social, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, experiências de vida e analogias (TURATO, 2003) não objetiva uma verdade histórica, mas sim ampliar essa compreensão.

Assim, consideramos que a História Oral, mesmo com seus baixos e altos, contribuiu e auxilia significativamente para a interpretação da história, trazendo consigo as lembranças do passado, possibilitando uma nova interpretação da História e novas produções historiográficas, distanciando da história tradicional.

### 3 Conclusão

Este artigo se propôs a debater sobre a história oral também chamada de fonte oral, tradição oral e/ou oralidade. O debate de aporte teórico teve como pressuposto saber o conceito e a serventia da história oral para a construção da pesquisa acadêmico-científica. Restou ratificado que a história oral é mais uma alternativa e possibilidade que emana do palácio da memória importantes e exclusivas informações colhidas por meio de entrevistas por investigador sensível, conhecedor do objeto e tranquilo.

---

SILVA; SOUZA, 2019; FERREIRA NETO; SILVA, 2019; MACIEL et al., 2019; SOUSA; FERNANDES, 2019; SANTOS; GIASSON, 2019; CAXILE, 2019; CARVALHO, 2019.

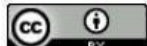
---

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020

DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3802>

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>

ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.



Lembrando que dependendo do gênero da pesquisa, a história oral pode ser empregada ora como método investigativo, ora como técnica e ora como recurso metodológico. Todavia, em todos os casos é valioso empregar uma espécie de hermenêutica dialética no trato com as falas dos sujeitos participantes. Assim, os relatos e depoimentos ouvidos são organizados dentro de uma trama textual com movimento de ida e vinda, do oral ao escrito, do geral para o particular, do presente para o passado e vice-versa e destes com olhos fincados no que há de vir, ou no que possa vir.

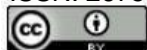
Nessa perspectiva, é racional destacar que a história oral ou simplesmente a oralidade não pode ser tomada como fontes de verdades absolutas ou coisa do tipo. É necessário lembrar que assim como as fontes escritas podem carregar em seu bojo tendências, ideologias e preferências de fatos e acontecimentos históricos, a oralidade também está fadada a tal possibilidade dependendo dos protagonistas interpelados e entrevistados. Neste caso, o mais coerente ao sujeito investigador do objeto pesquisado deve se munir de diferentes fontes e efetuar os devidos cruzamentos de informações não com o intuito de querer trazer à tona uma verdade ou resgate de fato passado *ipsis litteris*. Porém, deve se esforçar ao máximo para se aproximar da realidade sendo leal ao que as fontes escritas e/ou orais revelam tendo a consciência de que graças ao recurso da história oral, os “anônimos”, podem e devem ganhar suas devidas identificações, feitos e fatos em seus respectivos contextos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ANANIAS, M. COSTA, L. R. B. de M. M. dos. “Quando o Homem Sabe Ler, Escrever e Contar, Póde, Por Sua Própria Individualidade, Desenvolver-Se E Esclarecer-Se”: A escolarização de crianças pobres na província da Parahyba do Norte (1855-1866). **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 10, p. 66-80, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/453/1082>. Acesso em: 9 ago. 2019.

ARAÚJO, A.; SOARES, E. L. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019.





Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>. Acesso em: 02 jan. 2019.

BURKE, Pe. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, S. O. Formação Docente e Práxis Pedagógica narrativa de uma professora. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3602>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CAXILE, C. R. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CAXILE, C. R. V. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599/3112>. Acesso em: 8 out. 2019.

COSTA, M. A.; SILVA, F. M.; SOUZA, D. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476>. Acesso em: 02 jan. 2019.

DALLABRIDA, N.; UNGLAUB, T. R. da R.; COSTA, M. da S. Práticas da educadora Olga Bechara nas Classes Secundárias Experimentais de Socorro (1959-1962). **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 13, p. 132-150, jan./abr., 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1935/1910>. Acesso em: 9 jan. 2020.

FERREIRA NETO, J.; DA SILVA, R. Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXIII. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3518>. Acesso em: 02 jan. 2019.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 1998.

FIALHO, L. M. F. et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505/3146>. Acesso em: 8 de jan. 2020.





JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

JUCÁ, G. N. M. História Oral e Pesquisa Histórica: Influência Europeia e Recepção Brasileira. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* (orgs.). **História da educação comparada: missões, expedições, instituições e intercâmbios**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

15

MACIEL, J. A.; MACIEL, J.; MENDES, A.; SILVA, J. Dialogando sobre o tema jogos populares no ensino fundamental 1. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3506>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

NERYS, F.; KOEPP, J.; COSTA, B.; BARON, M. Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdos no Brasil: revisão de literatura. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3605>. Acesso em: 02 jan. 2019.

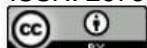
RODRIGUES, R. M. A propósito de história oral. In: VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G. (orgs.). **Linguagens da história**. Fortaleza: Imprece, 2003.

SANTOS, F.; GIASSON, F. Docência no Ensino Superior: formação, iniciação e desenvolvimento profissional docente. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3543>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SILVA, J.; LIMA, I.; PARENTES, M. D.; SILVA, L. Trajetórias formativas de licenciandos em matemática: percepções sobre constituir-se professor. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3478>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SOUSA, F. G.; FERNANDES, F. R. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>. Acesso em: 02 jan. 2019.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.





<sup>i</sup> **Antônio Roberto Xavier**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3018-2058>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Doutor em Educação (UFC), Mestre em Sociologia (UECE), Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) e Professor do Curso de Graduação em Administração Pública presencial, ambos da UNILAB; Professor-Pesquisador no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado (PPGE) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contribuição de autoria: Colaborou com a escrita do texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6041487079855448>

E-mail: [roberto@unilab.edu.br](mailto:roberto@unilab.edu.br)

<sup>ii</sup> **Karla Renata de Aguiar Muniz**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4007-2482>

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Ceará (UFC); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Pós-graduada (Lato Sensu) em Gestão Cultural pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA);

Contribuição de autoria: Colaborou com a escrita do texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0861923937995306>

E-mail: [karla.renata@hotmail.com](mailto:karla.renata@hotmail.com)

<sup>iii</sup> **José Rogério Santana**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8327-5864>

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Mestre e Doutor em Educação (PPGE/UFC), professor Associado da Universidade Federal do Ceará na Faculdade de Educação (FACED/UFC) trabalhando com Tecnologias Digitais na Educação, bem como, com Práticas Culturais Digitais.

Contribuição de autoria: Colaborou com a escrita do texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6859739260962963>

E-mail: [rogerio@virtual.ufc.br](mailto:rogerio@virtual.ufc.br)

<sup>iv</sup> **Daniel Luis Madeira Carneiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5191-2569>

Centro Universitário Inta – Uninta.

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2009). Especialização em Gestão e Docência no Ensino Superior. Atualmente é professor de Curso de Pedagogia do Centro Universitário Inta - UNINTA na modalidade EaD. Linha de pesquisa Tecnologias Digitais e Educação.

Contribuição de autoria: Escrita final do texto, formatação e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5449723269602685>

E-mail: [daniellmc2@gmail.com](mailto:daniellmc2@gmail.com)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

## Como citar este artigo (ABNT):

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>

